

4.06.02 – Saúde Coletiva/Saúde Públicas

SINTOMATOLOGIA ANSIOGÊNICA EM IDOSOS ATENDIDOS EM REDE DE SAÚDE DE MACEIÓ

Cicero F. P. A. Costa¹, Iago M. Aguiar¹, Klayne C. Martins¹, Madson A. Maximiano B.², André F. O. Fermoseli³.

1. Estudante de IC do curso de Medicina do Centro Universitário Tiradentes – UNIT
2. Mestrando em Gerontologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
3. Professor Dr. do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT

Resumo:

O objetivo deste estudo é analisar a prevalência da sintomatologia ansiogênica em idosos da rede de saúde de Maceió – Alagoas. Trata-se de um estudo transversal intencional, composto por 171 idosos. Utilizou-se como método de pesquisa um questionário semiestruturado, Inventário de Ansiedade Geriátrica (GAI). Dos idosos entrevistados, notamos, através do GAI, que 34% (n=58) apresentaram ansiedade. Algumas variáveis sociais tiveram maior relação com a incidência de tais transtornos, de modo que suas correlações foram as seguintes: alta escolaridade ($\chi^2 = 0,000$), alta renda ($\chi^2 = 0,011$) e residir com cônjuge/familiar ($\chi^2 = 0,011$) todas com resultados estatisticamente significativos. Através dos dados, percebe-se que existe uma estreita relação entre a prevalência de transtornos de ansiedade e piores condições socioeconômicas e a baixa escolaridade.

Autorização legal: Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP (parecer nº 1.904.318).

Palavras-chave: Envelhecimento; Desigualdade Social; Ansiedade.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas - FAPEAL.

Introdução:

Segundo o Census Bureau dos Estados Unidos realizado em 2015, a população mundial está envelhecendo rapidamente, já que a taxa de fertilidade tem diminuído na maior parte do mundo e a expectativa de vida aumentado. Em 2012 existiam cerca de 562 milhões de indivíduos com 65 anos ou mais, o que correspondia a 8% da população mundial, 3 anos mais tarde, em 2015 a porcentagem já era de 8,5%. Estima-se que em 2050 a população de idosos corresponderá a 17% da população mundial, e o Brasil terá ao menos duplicado o número de idosos (HE; GOODKIND; KOWAL, 2016).

Arelado ao processo de envelhecimento, há um aumento na incidência de doenças cardiovasculares, neurodegenerativas, musculoesqueléticas e psiquiátricas (PORTH, 2010). Dentre as doenças psiquiátricas, as que têm se tornado mais comum são os transtornos de ansiedade (GONÇALVES et al., 2011).

Os transtornos de ansiedade compreendem o transtorno de pânico, transtorno de ansiedade generalizada, agorafobia, fobia específica, transtorno de ansiedade social ou fobia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Esse conjunto de transtornos apresentam como manifestações periféricas a diarreia, vertigem, hiperidrose, síncope, taquicardia, formigamento, tremores, inquietação, urgência urinária entre outros (SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017).

Estudos recentes indicam que a ansiedade em idosos tem intensa relação com fatores socioeconômicos, intelectuais, e com o gênero do paciente, sendo mais prevalente em mulheres, com baixa escolaridade e com menor condição financeiras (Gomes; Reis, 2016). Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar a prevalência da ansiedade em idosos atendidos pela rede de atenção pública em comparação a idosos atendidos pela rede privada em Maceió - AL, além de relacionar a baixa escolaridade e o baixo nível socioeconômico, como fatores predisponentes para o desenvolvimento dos transtornos de ansiedade.

Metodologia:

Trata-se de um estudo transversal, realizado através de uma amostragem por conveniência e intencional. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A amostra foi composta por 171 idosos com idade igual ou superior aos 60 anos, atendidos em redes de saúde de Maceió - AL. Os idosos foram entrevistados em dois centros, um da rede privada composto por 49,7% (n=85) provenientes de uma clínica especializada na área da Geriatria e Gerontologia e outro grupo rede pública formado por 50,3% (n=86) atendidos em uma Unidade Básica de Saúde e cadastrados no Estratégia Saúde da Família (ESF).

Foram utilizados como instrumentos nessa pesquisa, o questionário sociodemográfico desenvolvido pelos pesquisadores, adaptado e estruturado para cada grupo, com o objetivo de identificar idade, sexo, cor, classe socioeconômica, escolaridade e outros. Além disso foi aplicado o Inventário de Ansiedade Geriátrica (GAI) para análise de possível transtorno de ansiedade.

A análise dos dados foi realizada através do programa Survey Monkey e Statistical Package for the Social Sciences - SPSS (versão 23.0), de maneira descritiva por percentual, desvio padrão e, posteriormente, utilizou-se também os testes indutivos como o Qhi-quadrado (χ^2) para demonstrar se existe ou não relação entre variáveis, e o teste de correlação de Pearson, para definir se variáveis são diretamente ou inversamente proporcionais.

Resultados e Discussão:

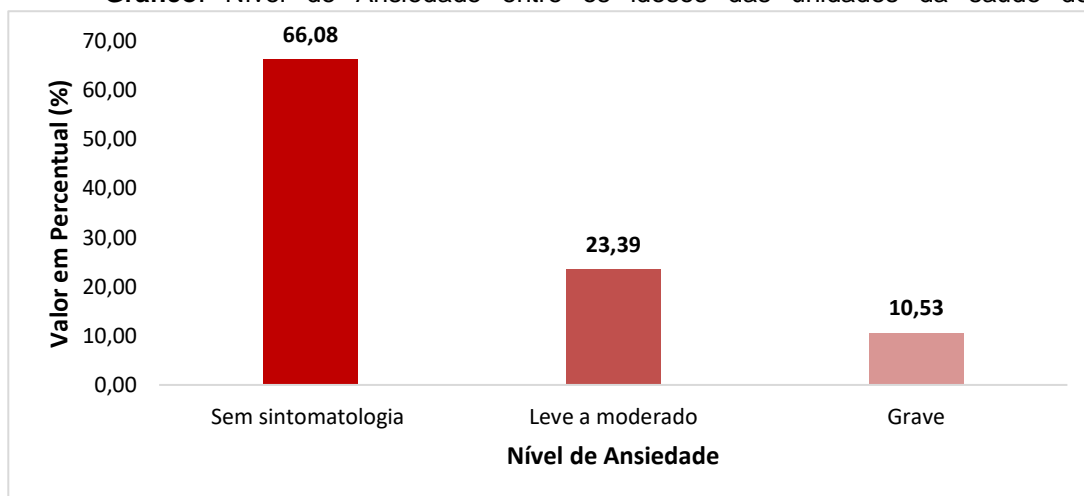
A amostra foi composta por 171 idosos, colhida em dois locais distintos. A idade variou entre 60 e 94 anos ($\bar{X}=72,17$; DP = 8,96; amplitude de 34 anos). A prevalência no estudo foi do sexo feminino com 124 idosas. Em relação a etnia, a maioria autodeclarou-se como pardo, 52% (n=89), indígena com 0,58% (n=1), amarelo com 2,33% (n=4) e preto com cerca de 10% (n=17) foram as com menor número. Segundo Rosen-Reynoso (2011), é fulcral haver tal distinção, pois em seu trabalho, ele afirma que negros têm maior tendência ao desenvolvimento de transtorno de ansiedade.

Já no tocante à escolaridade, 10% (n=17) dos entrevistados têm pós-graduação, 18% (n=31) concluíram a graduação, 7% (n=12) fizeram curso técnico, 16% (n=27) terminaram o ensino médio, ou seja, 50,8% dos entrevistados possuem alta escolaridade. Outros 10% (n=17) começaram o ensino médio, mas não finalizaram, 25,7% (n=44) têm ensino fundamental incompleto e 19,2% (n=33) não chegaram a frequentar a escola, com isso 49,1% dos estudados tinham baixa escolaridade. Paulo et al., (2010) defende em seu estudo, a escolaridade atua de modo a defender indivíduos, sobretudo idosos, quanto ao aparecimento de psicopatologias, dentre elas a ansiedade.

Em relação a renda familiar, uma maioria dos idosos entrevistados, 49,1% (n=84) declararam receber 4 ou mais salários mínimos, seguido por 25,1% (n=43) que afirmaram receber apenas um salário mínimo. Os demais, ou seja, 21% (n=36) disseram receber 2 salários mínimos e apenas 4,6% (n=8) recebem apenas 3 salários mínimos. Uma pior condição econômica atua como um forte fator predisponente para o desenvolvimento de transtornos mentais, tal afirmação pode ser confirmada através do resultado do trabalho de Silva e Santana (2012), que demonstraram que no Nordeste brasileiro, a desigualdade e a baixa renda como principais fatores relacionados ao acometimento da ansiedade.

Quanto a ocorrência da ansiedade, segundo o score do GAI, 33,92% (n=58) dos idosos apresentaram ansiedade em níveis que variam desde do leve ou moderado até, a forma mais grave, como demonstra o Gráfico abaixo.

Gráfico: Nível de Ansiedade entre os idosos das unidades da saúde de Maceió/AL



Fonte: Dados da pesquisa

Embora não seja a maioria, reflete uma alta incidência de psicopatologias em idosos. Alguns estudos tentam defender que esse aumento ocorreu devido ao aumento da expectativa de vida, o aumento da incidência e prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) na população idosa (Silva et al., 2017). A doenças crônicas não transmissíveis são a causa de 38 milhões de mortes anualmente (WHO, 2015). Entre as doenças

crônicas não transmissíveis mais comuns estão os transtornos psiquiátricos, os quais causam mais incapacidade e pioram a qualidade de vida (Silva et al., 2017).

A alta escolaridade, um bom nível socioeconômico, e o fato do idoso residir com familiares ou cônjuges são considerados elementos protetores, no que diz respeito ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade, sendo assim um dos objetivos do presente estudo foi analisar a relação entre as variáveis citadas e a ansiedade nos idosos entrevistados diante do teste do Qui-quadrado. O resultado da correlação entre o sexo dos indivíduos pesquisados e o desenvolvimento de transtornos de ansiedade não se mostraram estatisticamente significativos no teste de Qui-quadrado ($p > 0,05$).

Percebe-se então que a faixa etária idosa acumula mudanças, não só físicas, como também mentais. Assim como Fachine e Trompieri (2015) apresentaram em seu trabalho, todas essas alterações pelas quais o idoso passa, o torna susceptível ao surgimento de certas psicopatologias, tais como ansiedade e depressão, como foi o caso do estudo apresentado, em que 1 a cada 3 idosos apresentava, pelo menos, um dos transtornos afetivos. Deste modo, o fato de residir a sós, ter alta escolaridade e ter um nível socioeconômico favorável atuam de modo a protegê-los contra tais psicopatologias.

Conclusões:

Após a coleta, análise e sistematização dos dados, observou-se a relação estatisticamente significativa entre fatores socioeconômicos menos favoráveis e baixa escolaridade com a ocorrência de transtornos de ansiedade em idosos, além disso a maioria dos resultados obtidos são semelhantes aos da bibliografia encontrada.

Sendo assim, é importante ressaltar que os resultados obtidos apontam para necessidade do planejamento e execução de políticas públicas que proporcionem uma melhor qualidade de vida para as populações mais carentes, visando assim a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis, como a ansiedade, na senectude.

Referências bibliográficas:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 20, p. 106-132, 2015.

GOMES, J. B.; REIS, L. A. Descrição dos sintomas de Ansiedade e de Depressão em idosos institucionalizados no interior da Bahia, Brasil. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 19, n. 1, p. 175-191, 2016.

GONÇALVES, D. C.; PACHANA, N. A.; BYRNE, G. J. Prevalence and correlates of generalized anxiety disorder among older adults in the Australian National Survey of Mental Health and Well-Being. **Journal of affective disorders**, v. 132, n. 1, p. 223-230, 2011.

HE, Wan; GOODKIND, Daniel; KOWAL, Paul R. **An aging world: 2015**. 1. ed. United States Census Bureau, United States, 2016.

PAULO, D. L. V. et al. Queixas de memória de idosos e sua relação com escolaridade, desempenho cognitivo e sintomas de depressão e ansiedade. **Revista de psiquiatria clínica**, v. 37, n. 1, p. 23-26, 2010.

PORTH, Carol Mattson; MATFIN, Glenn. **Fisiopatologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v.1, 2010.

REIS, W. R. C. et al. Transtornos de ansiedade e obesidade. **Anais Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde**, p. 1-12, 2016.

ROSEN-REYNOSO, M. et al. The relationship between obesity and psychiatric disorders across ethnic and racial minority groups in the United States. **Eat Behav**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2011.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A.; RUIZ, P. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

SILVA, A. R. et al. Doenças crônicas não transmissíveis e fatores sociodemográficos associados a sintomas de depressão em idosos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Porto Alegre, n. 66, p.45-51, 2017.

SILVA, D. F.; SANTANA, P. R. S. Transtornos mentais e pobreza no Brasil: uma revisão sistemática. **Tempus**

Actas de Saúde Coletiva, v. 6, n. 4, p. 175-185, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Noncommunicable diseases prematurely take 16 million lives annually.** Disponível em: < <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2015/noncommunicable-diseases/en/>>. Acesso em: 28 fev. 2015